

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



Canal do Panamá: entre o progresso e a preservação ambiental

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 211 • 14 de Março de 2025

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: Navio Cargueiro AIS "Cargo Hazard A"

Por: Autor desconhecido

Fonte: Pxhere

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontradas na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Vice-Almirante Gustavo Calero Garriga Pires

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) José Luiz Ferreira Canela

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Willian de Sousa Moreira (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (EGN)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Kenzo Brites Yamaguti (UFRJ)



ÁFRICA SUBSAARIANA

Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UERJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
José Ricardo de Oliveira Araujo (UFRJ)
Luísa Barbosa Azevedo (UERJ)
Mariana Bastos Fraguito (UFRJ)
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)
Rafaela Marinho Gonzalez Machado (UFRJ)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

Bruna da Silveira Eloy (UFRJ)
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Maria Fernanda Santos Kerr (UERJ)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Gabriel Paradela Heil (UFRJ)
Kaíke Ferreira Mota (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF/SWUST)
Nathália Magalhães Macedo (UFRJ)

EUROPA

Amanda Maciel Fraga Montoiro (UFRJ)
Emerson Luiz Bento dos Santos (UFRJ)
Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene de Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

Maria Carvalho Pinto Puccetti (UFRJ)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Nina de Almeida Bonifacio Pereira (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFSC)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
João Gabriel Fischer Morais Rego (ECEME)
Maria Clara Vieira Schneider Vianna (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)
Vitória de França Fernandes (UNIRIO)

RÚSSIA & EX-URSS

Gastão Menescal Carneiro Neto (Unilasalle-RJ)
José Gabriel de Melo Pires (ECEME)
Luíza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (EGN)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Manguera (PUC-Rio)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

TEMAS ESPECIAIS

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)
Gabriel Mendes Andrade (UERJ)
Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)



SUMÁRIO

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
A presença brasileira na Antártica	5	O futuro da Indústria de Defesa do Japão.....	13
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA	
Os Estados Unidos contra o narcotráfico mexicano.....	6	Trump 2.0 e suas implicações para a Índia e o Indo-Pacífico.....	14
Canal do Panamá: entre o progresso e a preservação ambiental	7	SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
ÁFRICA SUBSAARIANA		O Exercício “Komodo” e a Diplomacia de Defesa da Indonésia	
“Grand Africa Nemo” 2024: recalculando a rota francesa pela África Subsaariana	8	ÁRTICO & ANTÁRTICA	
EUROPA		O desejo de Trump sobre a Groenlândia e a influência chinesa no Ártico	
EUNAVFOR “Atalanta” é renovada em meio a aumento de incidentes ligados à pirataria	9	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		Calendário Geocorrente.....	
Cooperação energética no Norte da África: um alívio para as migrações no Mediterrâneo?	10	Referências.....	
RÚSSIA & Ex-URSS		Mapa de Riscos.....	
Os movimentos da Marinha russa e a centralidade do Mar Vermelho.....	11	16	
Relações russo-paquistanesas e o triângulo de Primakov em ação.....	12	17	
		18	

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Kaike Mota



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18

A presença brasileira na Antártica

Fernanda Calado e Gabriele Hernandez

Entre novembro de 2024 e janeiro de 2025, o Brasil ficou responsável por liderar a expedição internacional de Circum-Navegação Costeira Antártica, com 27 cientistas brasileiros e outros 34 de seis países: Argentina, Chile, China, Índia, Peru e Rússia ([Boletim 210](#)). Desde 2012, a Antártica faz parte do entorno estratégico brasileiro, e o país tem procurado ampliar a sua presença no continente. No século XX, pensadores da geopolítica brasileira como Golbery do Couto e Silva, Carlos de Meira Mattos e Therezinha de Castro sinalizaram a importância da Antártica ao Brasil. Deste modo, indaga-se: de que maneira a crescente presença do Brasil na Antártica reflete as mudanças na geopolítica brasileira clássica e nas suas estratégias de defesa e cooperação internacional?

Apenas na segunda metade do século XX, a Antártica foi tema de inquietações brasileiras. O General Golbery do Couto e Silva indicou que as Américas, a África e a Antártica seriam a linha de defesa mais importante para o Brasil. O General Carlos de Meira Mattos, por sua vez, apontou que o Brasil deveria fazer-se presente no continente gelado para realizar pesquisas científicas ou ocupar parte da região. A geógrafa Therezinha de Castro ampliou a geopolítica brasileira à Antártica, defendendo a reivindicação de território, como outros países haviam feito, e ao enfatizar que o continente incrementaria na defesa do Atlântico Sul. Signatário do Tratado da Antártica desde 1975 e aderente ao protocolo de Madri, de 1992,

o Brasil tem um posicionamento oficial em relação à região que envolve apenas a cooperação internacional e a investigação científica.

Em termos estratégicos, pode-se dizer, que a Antártica é a fronteira final do Atlântico Sul, sendo incluída tanto na Estratégia Nacional de Defesa quanto na Política Nacional de Defesa nos termos de preservação ambiental e manutenção do continente como um espaço apenas para a ciência. Há o entendimento de que a região é importante desde a sua influência climática até a defesa nacional e na questão da cooperação internacional. Quaisquer alterações no sistema de governança da Antártica podem impactar áreas de interesse nacional como a Amazônia Azul, a economia azul, o clima, questões de segurança e defesa no Atlântico Sul.

Nos últimos anos, tem crescido, especialmente no âmbito da Academia, um pensamento mais amplo em relação ao continente gelado. A ideia é pensarmos numa estratégia polar, uma vez que, alterações na dinâmica do Ártico também impactam no território nacional. A primeira expedição científica brasileira em terras árticas, em 2023, já foi um bom movimento nesse sentido. O Brasil é o sétimo país mais próximo da Antártica e, embora ele não siga o caminho inicialmente orientado por Meira Mattos e Therezinha, no sentido de ocupação territorial, busca manter-se como membro ativo no processo decisório do continente gelado.



Os Estados Unidos contra o narcotráfico mexicano

Victor Cabral

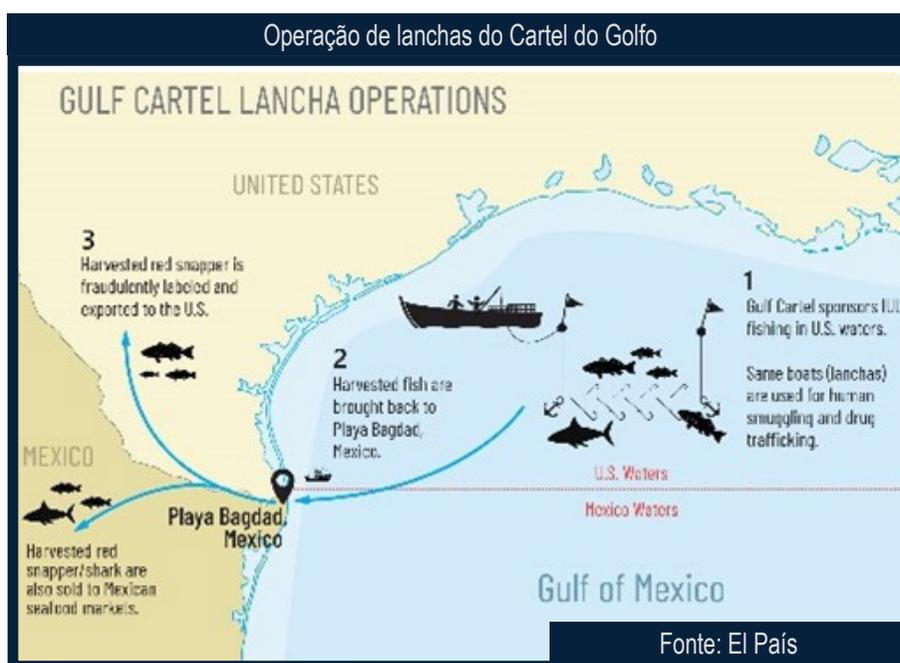
Donald Trump prometeu, desde sua campanha para a reeleição, agir de todas as maneiras para combater o narcotráfico do México, acusado de ser responsável pela epidemia de opioides em seu país. O governo Trump acredita que a China seja a financiadora e produtora da base do conteúdo do fentanil, modificado no México e vendido aos Estados Unidos (EUA) — ainda que não haja comprovação disso. Ameaçando, inclusive, intervenções militares no México, Trump reforça discursos bélicos anti narcotráfico, mesmo que não detalhe procedimentos. Questiona-se se mais sanções e ações armadas surtiriam efeito positivo.

Em novembro de 2024, ainda no governo Joe Biden, o Departamento de Tesouro dos EUA aplicou sanções a membros do Cartel do Golfo por pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INN) no Golfo do México. Segundo o governo estadunidense, o Cartel do Golfo realiza a captura ilegal de pargos vermelhos e tubarões no Golfo do México, utilizando uma base na *Playa Bagdad*, ao sul da fronteira com o Texas. Aqueles que sofreram sanções tiveram seus bens e propriedades bloqueados nos EUA. As atuações na pesca INN do Cartel do Golfo são identificadas desde 2007 e, em 2022, os EUA proibiram a entrada de embarcações mexicanas de pesca em portos do Golfo do México para reduzir as chances de pesca INN. O México foi acusado de pouco

atuar na prevenção desses atos.

Os narcotraficantes otimizam suas receitas ao transportarem drogas e migrantes nessas embarcações, obtendo lucros com a pesca predatória vendida em mercados estadunidenses, inclusive de pescado extraído ilegalmente de águas não mexicanas. A atualização das ações do narcotráfico demonstra que nem a segurança marítima estadunidense ou a militarização da segurança pública mexicana são capazes de efetivamente deter narcotraficantes.

Com o novo mandato de Trump, a retórica belicista de atuação militar contra narcotraficantes e as ameaças tarifárias contra o México, os próximos capítulos podem ser surpreendentes. Trump é acostumado a ameaçar e retroceder, mas com interesses conservadores anti-China proferindo que as drogas mexicanas são financiadas por Pequim, qualquer nova ação pode descortinar um desafio inédito à segurança hemisférica e à soberania mexicana. Seja em governos republicanos ou democratas na Casa Branca, o narcotráfico segue como um dos principais desafios, especialmente pela incapacidade em perceber-se o uso de drogas como um problema de saúde pública. O narcotráfico encontra alternativas, pois tem demanda e a estratégia de atacar a oferta sem mexer na demanda se mostra ineficaz há décadas na região.



Canal do Panamá: entre o progresso e a preservação ambiental

Taynah Pires Ferreira

Contornar os problemas trazidos pelas mudanças climáticas impõe um desafio complexo, sobretudo no que concerne ao funcionamento do comércio mundial. Entre as infraestruturas críticas mais afetadas globalmente, destaca-se o Canal do Panamá, que em 2024 foi severamente afetado pela seca, intensificada pelo *El Niño* (Boletim 201). O Canal, que representa 2,5% do comércio marítimo global, possui relevância significativa para as trocas comerciais globais e para a economia panamenha (Boletim 194). No entanto, o seu desempenho tem sido afetado pelas alterações climáticas e, como forma de mitigar os impactos, o governo estuda construir uma barragem. A obra, entretanto, suscitaria impactos socioambientais, levando ao questionamento sobre a necessidade de se balancear os benefícios econômicos com a sustentabilidade socioambiental.

Sob o aspecto econômico, os ganhos provenientes do Projeto do Rio Índio são incontestáveis. A obra, orçada em US\$ 1,6 bilhão, pretende criar uma represa de 840 metros de comprimento e 80,5 metros de altura, acumulando 1,25 bilhão de metros cúbicos de água, assegurando uma reserva de água doce para o funcionamento das eclusas do Canal. Consequentemente, haveria recursos hídricos suficientes para suprir o transporte de mercadorias na temporada de estiagem. Ademais, a barragem permitiria a ampliação do número de embarcações que transitam pelo Canal diariamente,

além de comportar a passagem de navios de carga maiores, como os “neopanamax”.

Todavia, a construção da barragem provocaria prejuízos de ordem socioambiental para os habitantes dos povoados próximos ao rio. Estima-se que o projeto pode causar a destruição da biodiversidade local e dos ecossistemas aquáticos. As obras também requerem, inicialmente, a realocação de 2.000 indivíduos, ocasionando o desaparecimento de cidades, danos aos meios de subsistência e a perda de laços comunitários e culturais. Tais consequências fomentam o debate sobre a dualidade entre progresso econômico e preservação ambiental. Isto é, como impulsionar projetos que beneficiam a arrecadação estatal e os fluxos do comércio global e, paralelamente, proteger o meio ambiente. Esse debate permeia o projeto, que, sem o devido apoio da sociedade panamenha, corre o risco de não prosseguir.

Por fim, o projeto se encontra em fase de discussões e, no momento, soluções temporárias estão sendo implementadas para mitigar os efeitos das mudanças climáticas no Canal do Panamá. Entretanto, tais medidas são insuficientes para garantir a resiliência da via, especialmente com a intensificação dos fenômenos extremos. Portanto, cabe às autoridades a formulação de planos eficientes no ponto de vista econômico, porém, salvaguardando seus recursos naturais e a sociedade.



DOI 10.21544/2446-7014.n211.p07.

“Grand African NEMO” 2024: recalculando a rota francesa pela África Subsaariana

José Ricardo Araujo

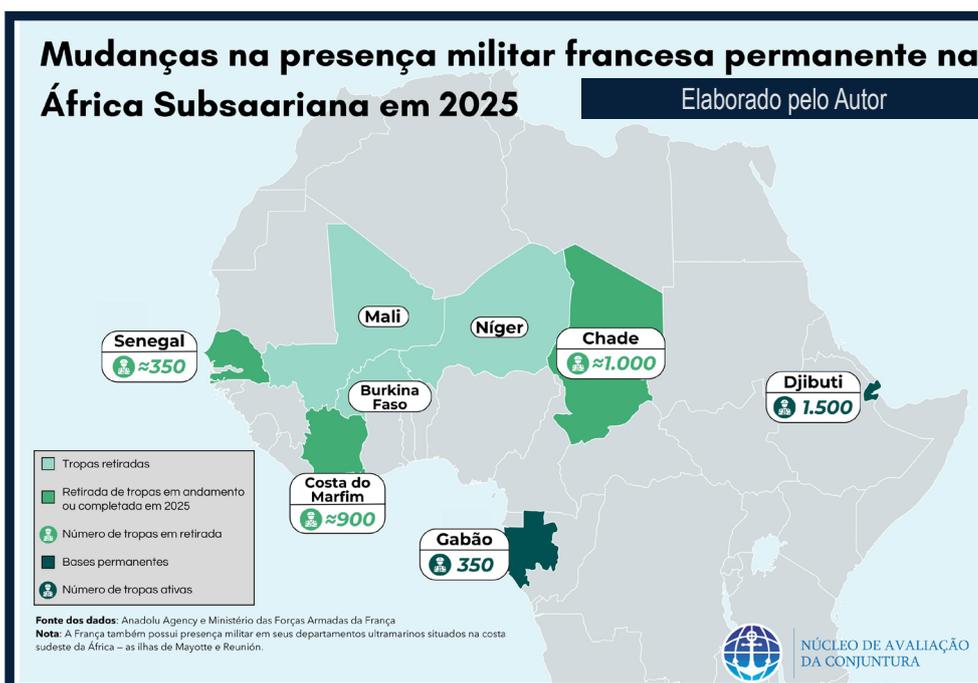
Com a participação de 16 países costeiros africanos e 09 Estados parceiros da região, o exercício “Grand African NEMO” ocorreu em novembro de 2024 no Golfo da Guiné. A operação foi co-organizada pela Arquitetura Yaoundé e pela Marinha francesa, simulando aproximadamente 70 cenários e focando no combate a ilícitos marítimos. O evento também foi uma oportunidade para que a França refletisse sobre a reestruturação de seu engajamento no continente. Nesse sentido, questiona-se: como e por que o governo francês repensa sua projeção na África Subsaariana?

Entre 2022 e 2023, os golpes de Estado em Burkina Faso, Mali e Níger fomentaram um sentimento anti-francês latente em toda a África francófona. A região, denominada informalmente como “*Françafrique*”, sentiu a necessidade de se desvincular de arranjos de tom neocolonial, como o caso de alguns acordos bilaterais desiguais, firmados com a França no pós-independência e vigentes até os dias atuais. Isso levou Paris a deslocar sua estratégia para a África anglófona, onde o sentimento anti-colonial não se volta diretamente à França. Como resultado, em 2023, África do Sul e Nigéria foram os maiores parceiros comerciais franceses na África Subsaariana.

Ademais, a França passa por uma crise na sua presença militar permanente na região.

No fim de 2024, Chade, Costa do Marfim e Senegal solicitaram o fechamento das bases francesas em seus territórios, seguindo um movimento similar a Burkina Faso, Mali e Níger. Assim, a atual presença militar francesa permanente na África Subsaariana se restringe a Djibuti e Gabão. Essa saída francesa leva o país a cogitar reformar seu engajamento através de modelos de cooperação mais flexíveis. Um exemplo é a proposta, de julho de 2024, da criação de um Comando para a África que visa reduzir a presença militar permanente na África e ao mesmo tempo garantir espaço de manobra para implantar unidades em apoio aos exércitos africanos. Nesse contexto, o exercício “Grand African NEMO” é um exemplo de engajamento mais flexível no qual a França se mantém presente no continente de forma amistosa.

Portanto, a guinada francesa à África anglófona e para modelos de cooperação militar mais flexíveis se mostram como resposta ao sentimento anti-francês e a perda de influência militar na África francófona. Ressalta-se que a reestruturação da estratégia francesa ocorre em um momento crítico, no qual potências emergentes como Rússia e China se projetam na região militar e economicamente (Boletim 201). Assim, qualquer imprecisão na remodelação estratégica de Paris pode abrir espaço para um realinhamento geopolítico significativo.



EUNAVFOR “Atalanta” é renovada em meio a aumento de incidentes ligados à pirataria

Melissa Rossi

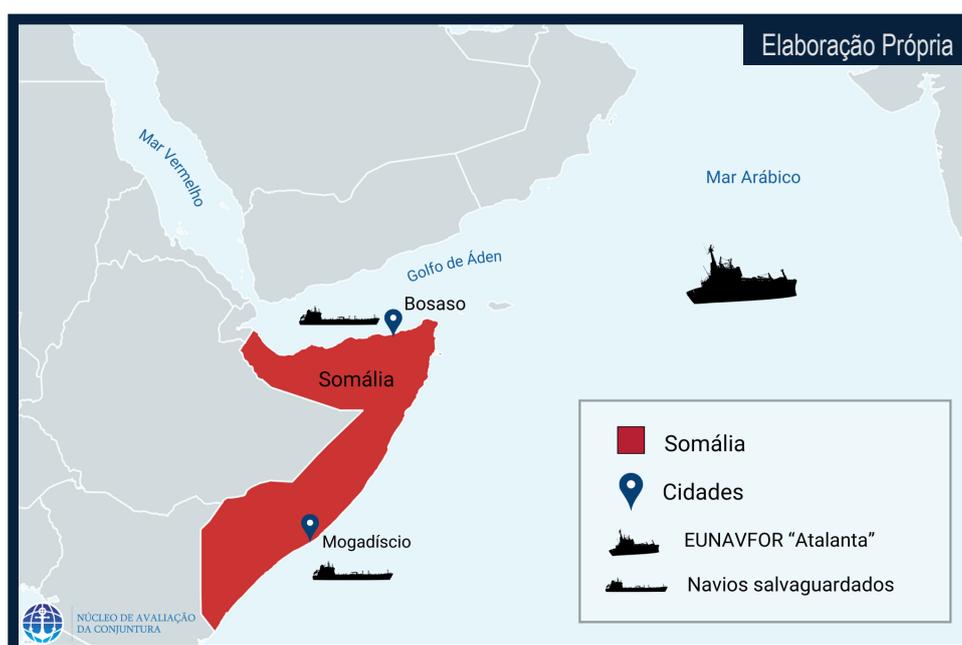
A missão naval antipirataria da União Europeia (UE), EUNAVFOR “Atalanta”, que patrulha as águas da Península Arábica e noroeste do Oceano Índico, foi renovada em dezembro de 2024 por mais 02 anos. O aumento expressivo de ataques piratas em sua área de operações tem ligado sinais de alerta na comunidade internacional, mobilizando novas e contínuas ações. Os ataques, que partem em grande maioria da região semiautônoma de Puntlândia, na Somália, aumentaram desde o final de 2023, depois de anos praticamente zerados. Segundo os dados mais recentes da Operação “Atalanta”, foram mais de 43 incidentes relacionados à pirataria desde novembro de 2023. O que tem levado ao aumento desses eventos e como a “Atalanta” atua para frustrá-los?

O contexto geopolítico conturbado da região é o primeiro ponto a se observar. A instabilidade no sul do Mar Vermelho e no Golfo de Áden, provocada pelos ataques incessantes dos houthis no Iêmen contra embarcações civis e militares, desde o final de 2023 ([Boletim 195](#)), tem levado a um desdobramento maior dos meios navais militares para combatê-los. Os piratas somalis se aproveitam desse caos para atuar mais livremente, já que os holofotes do mundo estão focados no Iêmen. Outra questão é o cancelamento precipitado

da Área de Alto Risco (HRA, na sigla em inglês) na região pela comunidade marítima internacional no início de 2023, deixando navios mercantes mais vulneráveis a ataques, além das condições internas de instabilidade em Puntlândia, com forças de ordem da Somália cada vez mais engajadas internamente na luta contra os grupos jihadistas do Al-Shabaab, e menos focadas em patrulhar a própria costa.

A Operação “Atalanta” atua de forma contínua na luta contra a pirataria, por meio do monitoramento das águas internacionais na região e de abordagens diretas a navios em perigo. Em 2024, conseguiram frustrar ataques piratas contra o navio mercante “Chrystal Arctic”, de bandeira das Ilhas Marshall, que navegava a 100 milhas de Bosaso, e do navio “Basilisk”, de bandeira liberiana, a 380 milhas de Mogadíscio. Neste último caso, as tropas realizaram a abordagem por meio de um helicóptero, usando a técnica “Fast-Rope”.

A resposta da UE à pirataria precisa ser forte e contundente. A renovação da Operação “Atalanta” é um passo favorável nessa direção, mas as condições de crescente instabilidade na Somália também precisam de atenção urgente. Ademais, a HRA deve ser reconstituída para que embarcações privadas sejam forçadas a tomarem todas as medidas necessárias na luta à pirataria.



Cooperação energética no Norte da África: um alívio para as migrações no Mediterrâneo?

Pedro Vecchia

A crise de migrantes no Mar Mediterrâneo foi um tema latente na geopolítica mundial em 2024. Nestes primeiros meses de 2025, mais de 400 pessoas morreram ou estão desaparecidas na travessia e mais de 3.800 líbios foram devolvidos à força ao seu país por autoridades da União Europeia, segundo o *Human Rights Watch*. Em face às crescentes políticas de repressão à migração pelo governo da Líbia, a UE busca, há alguns anos, a consolidação do desenvolvimento energético nos países do Norte da África para mitigar o fluxo de pessoas nessa rota de migração irregular. Questiona-se, portanto, quais os potenciais impactos e desafios dessas medidas anti-imigração no desenvolvimento das comunidades africanas.

Uma das principais iniciativas para conter a migração foi o Plano Mattei, lançado em janeiro de 2024. O plano visa à cooperação entre Itália e África para captar gás natural, fornecendo energia renovável à Itália. A proposta foi bem recebida na Europa, especialmente pelas empresas africanas de energia, que veem boas perspectivas no plano para capacitar profissionais e fortalecer a parceria econômica entre os continentes. No entanto, para que o Plano Mattei seja eficaz a longo prazo, é essencial que haja mais clareza sobre ações a serem implementadas e um aumento no financiamento destinado ao projeto.

A Comissão Europeia também possui medidas

semelhantes à Itália para desenvolvimento da região. A estratégia *Global Gateway* foi criada após negociações da COP28, na qual líderes mundiais se comprometeram a investir em energias renováveis no âmbito global. Os investimentos dessa estratégia estão previstos para serem reforçados pela presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, ainda em março deste ano, em uma reunião plenária da comissão, e promete ampliar o acesso à energia para uma população de 600 milhões de pessoas hoje desassistidas, em um território que possui 60% das capacidades energéticas solares globais. Entretanto, a instabilidade política nos países do Norte da África, especialmente na Líbia, não pode ser ignorada. Desde a morte de Muammar Kadhafi, em 2011, o país enfrenta um cenário de caos político, com a divisão entre governo central e Exército de Libertação Nacional da Líbia. Atualmente, o governo central é responsável pela repressão dos migrantes no Mediterrâneo.

Em resumo, a migração no Mar Mediterrâneo é impulsionada não apenas pela falta de desenvolvimento econômico, mas também pela fuga de conflitos e pela repressão enfrentada pelos migrantes. Assim, o investimento no setor energético africano pode ajudar a mitigar as migrações, mas questões relacionadas aos direitos humanos devem ser tratadas de forma integrada e prioritária.



Os movimentos da Marinha russa e a centralidade do Mar Vermelho

Gastão Menescal Carneiro Neto

As águas do Mar Vermelho atraem a presença de novos atores e se direcionam para novas disputas. Após o dismantelamento das instalações militares russas na Síria em dezembro de 2024, houve grande especulação jornalística acerca da possível transferência de seus navios para uma nova base a ser construída na Argélia ou na Líbia. Contudo, durante visita oficial à Rússia em 12 de fevereiro, o ministro das Relações Exteriores do Sudão, Ali Youssef, declarou que planos para construir uma base russa no litoral sudanês irão adiante. Sendo assim, como se pode compreender a movimentação russa e a centralidade da região?

Em 2020, Rússia e Sudão assinaram um acordo que permitiria à Rússia sediar até quatro navios de guerra, inclusive de propulsão nuclear, nessa nova base, por 25 anos. As afirmações de Youssef indicam que em breve os russos irão se juntar a China, Estados Unidos, França, Itália e Japão que já possuem bases no vizinho Djibouti. Separando o Mar Mediterrâneo do Oceano Índico, através do Canal de Suez e do Estreito de Bab al-Mandab, o Mar Vermelho constitui um centro de gravidade para o comércio marítimo. Trata-se de uma rota fundamental para o transporte de óleo e gás extraídos no Golfo Pérsico, que reúne cerca de 50% das reservas de petróleo globais, em direção à Europa e à

América do Norte, além de ser a via mais curta para a comercialização dos produtos manufaturados asiáticos no mercado europeu.

A instalação de forças militares no Sudão ainda conduziria a um incremento da influência russa na África. Entretanto, em termos geopolíticos, o Mar Vermelho é uma das áreas mais conturbadas do planeta devido à existência de conflitos internos no Iêmen e na Somália, disputas fronteiriças entre Eritreia e Etiópia e ações de pirataria no Golfo de Áden. Logo, unindo sua relevância para o comércio internacional a numerosos fatores de instabilidade, a área é observada por potências globais e regionais que demarcam suas zonas de interesse com bases militares. A existência de uma Força-Tarefa específica para o combate da pirataria na região, a “Combined Task Force” (CTF-151), inclusive já comandada três vezes pelo Brasil, é igualmente ilustrativa acerca do valor estratégico do Mar Vermelho.

Diante do exposto, compreende-se o interesse da Federação Russa por estabelecer uma base naval no litoral sudanês. Contudo, dada a instabilidade da área e a presença precedente de diversos atores geopolíticos, os impactos que essa iniciativa acarretará sobre o frágil equilíbrio regional ainda são incertos.



No dia 28 de fevereiro de 2025, uma delegação russa liderada pelo vice-ministro de Energia da Federação Russa, Pavel Sorokin, realizou uma visita ao primeiro-ministro do Paquistão, Muhammad Shehbaz Sharif. Nela, as partes discutiram a possibilidade de se ampliar laços no campo da energia, dos investimentos e da diplomacia. O objetivo deste artigo é mostrar como essa reunião representa a aplicação prática da Doutrina Primakov que, por sua vez, é crucial para a resiliência econômica e diplomática da Rússia no contexto da Guerra da Ucrânia.

A reunião mencionada acima ocorreu após uma sequência de duas outras reuniões entre os dois países. A primeira foi o encontro bilateral do primeiro-ministro paquistanês com o presidente russo, Vladimir Putin, realizado às margens da última reunião de cúpula da Organização de Cooperação de Xangai, em julho de 2024 no Cazaquistão. A segunda foi a reunião Comissão Mista bilateral russo-paquistanesa, em dezembro de 2024, no qual ocorreu a assinatura de um protocolo para a construção do *Pakistan Stream Gas Pipeline*, um gasoduto de 1.100 quilômetros de extensão que ligaria a cidade portuária de Gwadar até Lahore, com custo estimado em US\$ 2,5 bilhões. Ademais, a Federação Russa e o Paquistão compartilham interesses comuns no

combate ao terrorismo e ao narcotráfico.

Os laços políticos e econômicos entre os dois países são um exemplo clássico da Doutrina de Primakov, também referida como Triângulo de Primakov. Formulada no final dos anos 1990 na chancelaria de Evguêni Primakov, essa doutrina se baseia em um tripé que consiste na rejeição da unipolaridade dos Estados Unidos, na contenção da expansão da Otan e na aliança com os países emergentes como forma de ampliar a margem de atuação internacional do país. Ao buscar fortalecer as relações bilaterais com o Paquistão, a Federação Russa acaba atraindo para si uma potência regional e um mercado significativo para seus produtos, reduzindo o peso do Ocidente na sua economia e diplomacia. Vale também lembrar que, juntamente com a China, a Índia e diversos outros atores, o Paquistão não aplicou sanções à Rússia.

As seguidas reuniões bilaterais ocorridas desde julho de 2024 demonstram que o relacionamento Rússia-Paquistão ganhou relevância. Para Moscou, essa relação significa a manutenção da sua resiliência econômica e diplomática, enquanto para Islamabad significa oportunidades de investimentos econômicos e parcerias em assuntos sensíveis como combate ao terrorismo e ao narcotráfico.

DOI 10.21544/2446-7014.n211.p12.

LESTE ASIÁTICO

O futuro da Indústria de Defesa do Japão

Thomas Dias Placido

Nos últimos anos, o Japão vem enfrentando um dilema central: como consolidar uma indústria de defesa robusta sem comprometer os princípios pacifistas estabelecidos pela Constituição de 1947? Com o maior orçamento de defesa de sua história, US\$ 55 bilhões em 2023, e o plano de atingir 2% do PIB até 2027, o país tem modernizado suas capacidades militares para responder às crescentes tensões em seu entorno estratégico. No entanto, críticas apontam que o desenvolvimento tecnológico tem beneficiado desproporcionalmente grandes corporações, questionando a real finalidade dos gastos militares e os

desafios éticos dessa transformação.

O aumento dos pedidos domésticos militares reflete essa reconfiguração ([Boletim 195](#)). Destaca-se que as receitas das cinco maiores empresas japonesas de defesa cresceram 35% em 2023, totalizando US\$ 10 bilhões. A *Mitsubishi Heavy Industries*, líder do setor, viu um aumento de 360% em pedidos militares, atingindo US\$ 3,9 bilhões, enquanto a *Kawasaki Heavy Industries* (KHI) registrou crescimento de 130%, totalizando US\$ 2,1 bilhões. Esses números demonstram a magnitude do robustecimento militar do Japão, que inclui investimentos em aeronaves e sistemas balísticos. Contudo,

a dependência de tecnologias dos Estados Unidos (EUA), que representam 70% das aquisições, limita a autonomia geopolítica japonesa e suscita críticas sobre sua subordinação estratégica.

Além disso, a falta de transparência no uso de recursos e o foco em lucros corporativos levantam preocupações éticas. Conforme reportado pelo *Mainichi Shimbun*, conglomerados econômicos têm monopolizado os benefícios financeiros na forma de fundos secretos, como retratado no último escândalo entre a KHI e a Força Marítima de Auto-defesa. Embora justificada como uma necessidade defensiva, a modernização militar do Japão parece estar pavimentando o caminho para a construção de um novo complexo industrial-militar, desmantelado no pós-Segunda Guerra Mundial com o objetivo de conter o militarismo japonês. Apesar das restrições constitucionais que proíbem a produção e exportação

de armas ofensivas, o programa de Assistência Oficial à Segurança, iniciado em 2023, aumentou seu orçamento em 2,5%. No entanto, a falta de clareza sobre os tipos de armamentos exportados contribui para a ambiguidade e alimenta os debates sobre o alinhamento dessa política com os princípios pacifistas do país.

Observa-se, portanto, que o Japão enfrenta um desafio delicado: equilibrar a modernização militar com os valores éticos e estratégicos que moldaram sua identidade pós-guerra. Para evitar que os gastos de defesa sejam captados por interesses corporativos, será fundamental adotar maior transparência, reduzir a dependência externa e priorizar a segurança como um objetivo coletivo. Entretanto, desafios socioeconômicos no país apresentam um problema ainda mais urgente, que poderá ter implicações profundas na configuração de sua indústria de defesa.



DOI 10.21544/2446-7014.n211.p12-13.

SUL DA ÁSIA

Trump 2.0 e suas implicações para a Índia e o Indo-Pacífico

Após a vitória de Donald Trump na eleição presidencial estadunidense de 2024, Narendra Modi, conhecido por seu sucesso em desenvolver um relacionamento pessoal com o político norte-americano, foi um dos primeiros grandes líderes a parabenizá-lo nas redes sociais. Em fevereiro, Modi fez uma visita à Casa Branca, reforçando a importância e as altas expectativas que o governo indiano deposita na administração de Trump e nas relações com os Estados Unidos. Apesar de quatro anos de relações estreitas com Joe Biden e ampla cooperação em defesa e energias limpas, o retorno

Lucas Mitidieri e Renan Guimarães Canellas de Oliveira de Trump gera incertezas sobre a cooperação bilateral, a posição estratégica da Índia no Indo-Pacífico e os possíveis impactos de sua política tarifária.

A visita de Modi à Casa Branca antes de qualquer líder europeu reflete a reciprocidade da política externa de Trump ao considerar a Índia um parceiro estratégico. No setor de defesa, Modi e Trump comprometeram-se a fortalecer a cooperação militar em todos os âmbitos: terrestre, aéreo, naval, espacial e cibernético, por meio de treinamentos, exercícios e operações avançadas, incorporando tecnologias de ponta. Esse aprofundamento

se deve à visão clara da administração estadunidense de que Nova Delhi permanece um aliado fundamental na contenção da China na região. Assim como em sua primeira gestão, quando Trump focou na ampliação da presença estadunidense no Indo-Pacífico para conter a expansão chinesa, a visita ressaltou a necessidade de cooperação multilateral na região. Com uma visita à Índia prevista até o final do ano para a cúpula do QUAD ([Boletim 128](#)), Trump reafirma a importância do país como um baluarte contra a China no Indo-Pacífico.

No campo comercial, ambos os países reafirmaram o compromisso de fortalecer laços e lançaram a ambiciosa “Missão 500”, visando US\$ 500 bilhões em comércio bilateral até 2030. No entanto, o protecionismo da

economia indiana segue representando uma insatisfação para o governo Trump. Com a implementação de tarifas recíprocas a diversos países prevista para abril, o presidente estadunidense destacou que a Índia deve reduzir as taxas sobre produtos americanos para evitar impactos negativos de sua política comercial.

Embora a vitória republicana traga implicações econômicas e geopolíticas significativas, a relação amistosa com Modi e os valores nacionalistas compartilhados por ambos os líderes fazem com que a Índia veja essa eleição com grande otimismo. Além disso, as semelhanças nas opiniões referentes à China, permitirão que Nova Delhi dê continuidade a sua política externa sem grandes preocupações.

DOI 10.21544/2446-7014.n211.p13-14

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

O Exercício “Komodo” e a Diplomacia de Defesa da Indonésia

Gabriela Veloso

Entre os dias 16 e 22 de fevereiro, ocorreu mais uma edição do Exercício Naval Multilateral “Komodo” (MNEK, na sigla em inglês) no Porto de Benoa, em Bali, com a participação de 30 países, incluindo Austrália, China, Estados Unidos, Índia e Rússia. Organizado pela Marinha da Indonésia, o exercício acontece a cada dois anos e visa fortalecer a cooperação naval, abordando não apenas questões de segurança marítima, mas também atividades de apoio humanitário, alívio de desastres e conservação ambiental. A quinta edição, com o maior número de participantes até então, sublinha a crescente importância do evento para a diplomacia de defesa indonésia. O evento contou com mais de 30 navios, incluindo 19 navios de guerra estrangeiros, 17 embarcações indonésias, 07 helicópteros e 03 aeronaves de patrulha marítima.

O MNEK desempenha um papel significativo na estratégia de segurança marítima da Indonésia, sendo uma forma de Diplomacia de Defesa, facilitando o envolvimento multilateral com parceiros internacionais, permitindo que o país mantenha seu engajamento estratégico com as duas potências-chave na região e outros parceiros internacionais. Esta tentativa de equilíbrio reflete os esforços de sua política externa, que evita a formação de alianças exclusivas, buscando promover

estabilidade regional por meio do engajamento multilateral. O exercício serve como um canal alternativo para cooperação com as forças armadas chinesas e estadunidenses, especialmente após a interrupção do exercício conjunto bilateral “Sharp Knife” entre Jacarta e Pequim.

Outro aspecto relevante do MNEK é sua ênfase na segurança marítima e nas atividades de assistência humanitária, alinhadas com as necessidades da região e a experiência da Indonésia em lidar com desastres naturais. Ao incluir um programa de conservação ambiental para combater a abrasão costeira, o exercício também reflete uma preocupação crescente com questões ambientais, cada vez mais relevantes para a estabilidade regional. Este foco na gestão de desastres e nas operações humanitárias não só reforça a posição da Indonésia na ASEAN, mas também lhe confere uma imagem de liderança responsável em questões de segurança e desenvolvimento sustentável. Além disso, em termos de diplomacia de defesa, o MNEK serve como uma plataforma para a Indonésia demonstrar suas capacidades militares e promover sua agenda cultural e de segurança, podendo melhorar, inclusive, sua reputação internacional, destacando sua capacidade de mediar diálogos, o que é essencial para o equilíbrio no Indo-Pacífico.

DOI 10.21544/2446-7014.n211.p14

O desejo de Trump sobre a Groenlândia e a influência chinesa no Ártico

Gabriele Hernandez

Os primeiros meses do segundo mandato do presidente Donald Trump reforçaram seu desejo antigo de obter a Groenlândia como ferramenta de poder e expansão territorial dos Estados Unidos (EUA). O movimento aumentaria a presença estadunidense no Ártico e colocaria o país em mais uma frente contra a China, cujos interesses no polo norte aumentaram significativamente na última década. Além de ser importante para a navegação, o Ártico possui grandes reservas de petróleo e gás natural.

Em 2018, a China publicou pela primeira vez o Livro Branco do Ártico, reconhecendo a grande importância da região para a humanidade como um todo e se denominando como “Estado próximo ao Ártico” (*near Arctic State*). Pequim não faz parte do Conselho do Ártico ou possui territórios próximos à região, mas tornou-se membro observador do órgão em 2013, após mais de uma década de empenhos. O documento destaca também a criação da Rota da Seda Polar em parceria com a Rússia ([Boletim 66](#)), uma via marítima que contornaria a Europa pelo Ártico, escoando produtos de maneira mais eficiente.

Devido à sua localização, a Groenlândia coloca a Dinamarca entre as principais potências Árticas, conhecidas como A5 por fazerem fronteira litorânea

com a região, e na disputa pela soberania das dorsais de Lomonosov e Mendeleev. Entretanto, o país falhou em investir tanto na segurança, quanto no desenvolvimento econômico groenlandês, cuja população indígena é mais pobre que os demais dinamarqueses. A partir dos anos 2000, ciente desta falha, a China promoveu investimentos nas regiões árticas com menos recursos, primeiro na Islândia, após a crise de 2008, e posteriormente o governo da Groenlândia fez diversos apelos para que o capital chinês entrasse na ilha, mas Copenhague não permitiu.

Para os EUA, a menor rota de mísseis balísticos continentais até a China fica no Ártico, e expandir sua influência na região é uma forma de reduzir tanto o alcance comercial chinês sobre a Europa quanto sua expansão no extremo norte. O aquecimento global também é considerado, uma vez que o derretimento das calotas polares garante novas rotas marítimas e novas saídas em caso de bloqueio de canais e estreitos, como o Canal do Panamá. A expansão ao norte que Trump tanto almeja não está ligada somente ao Ártico, mas envolve outros fatores socioeconômicos e culturais. No entanto, em sua disputa comercial com a China e o distanciamento da Europa e Otan, o extremo norte possui um grande significado geopolítico.

DOI 10.21544/2446-7014.n211.p15

- ▶ [Israel's Intelligence Failure](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman.
- ▶ [China and Russia's strategic relationship amid a shifting geopolitical landscape](#)
BROOKINGS, Patricia M. Kim, Asli Aydintasbas, Angela Stent, Tara Varma, and Ali Wayne.
- ▶ [Less Is More: The United States Must Stop Stretching Its Navy Thin](#)
USNI, Tenente Nicholas Danby
- ▶ [The Coming Age of Territorial Expansion](#)
FOREIGN AFFAIRS, Michael Albertus
- ▶ [China Could Build an "Island Chain" Around America](#)
THE NATIONAL INTEREST, James Holmes.

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas bandeiras para mais informações:

Por: Rafaela Machado

MARÇO

Principais eventos de 12 até 31

12-13



ZIMBÁBUE
CONSELHO MINISTERIAL
DA SAD

12-13



ESTADOS UNIDOS
FÓRUM DE COOPERAÇÃO
PARA O DESENVOLVIMENTO

12-14



CANADÁ
REUNIÃO DE MINISTROS DAS
RELAÇÕES EXTERIORES
DO G7

18-20



**PAPUA-NOVA
GUINÉ**
REUNIÃO DOS CHEFES
CONJUNTOS DE SEGURANÇA
DO PACÍFICO

20-21



BÉLGICA
REUNIÃO DO CONSELHO
EUROPEU

25-28



ROMÊNIA
EXERCÍCIO "SEA SHIELD 25"

31-11



ALEMANHA
EXERCÍCIO
"RAMSTEIN" FLAG 25"

- **A presença brasileira na Antártica**
AIRES, Isadora. [Brasil lidera expedição de navegação costeira na Antártida](#). CNN, 01 nov. 2024. Acesso em: 02 dez. 2024.
GOVERNO DO BRASIL. Política Nacional de Defesa, 2020
 - **Os Estados Unidos contra o narcotráfico mexicano**
CAMHAJI, Elías. [Mexico's Gulf Cartel expands into US waters: Human smuggling, drug trafficking and illegal fishing](#). El País, 27 nov. 2024. Acesso em: 06 dez. 2024.
[Treasury Targets Cartel-Enabled Illegal, Unreported, and Unregulated Fishing Operations](#). U.S. Department of the Treasury, 26 nov. 2024. Acesso em: 06 dez. 2024.
 - **Canal do Panamá: entre o progresso e a preservação ambiental**
MAHONEY, Noi. [Panama Canal Authority sees Rio Indio project as answer to future droughts](#). Freight Waves, 26 ago. 2024. Acesso em: 06 dez. 2024.
PARRAGA, Marianna; MORENO, Elida. [Threatened by climate change, Panama Canal has big plans to combat drought](#). Reuters, 02 dez. 2024. Acesso em: 06 dez. 2024.
 - **“Grand African NEMO” 2024: recalculando a rota francesa pela África Subsaariana**
VIRCOULON, Thierry.. [What France loses by closing its military bases in Africa?](#) The Conversation, 26 jan. 2025. Acesso em: 08 mar. 2025.
[Grand African NEMO Strengthens Collaboration to Combat Sea Crimes](#). Africa Defense Forum, 10 dez. 2024. Acesso em: 08 mar. 2025.
 - **EUNAVFOR “Atalanta” é renovada em meio a aumento de incidentes ligados à pirataria**
Mahmood, Omar [“The Roots of Somalia’s Slow Piracy Resurgence”](#). International Crisis Group, 07 jun. 2024. Acesso em: 04 fev. 2025.
Schuler, Mike [“EU Extends Naval Operation Atalanta Until 2027 as Somali Piracy Surges in Indian Ocean”](#) GCaptain, 16 dez. 2024. Acesso em: 05 fev. 2025.
 - **Cooperação energética no Norte da África: um alívio para as migrações no Mediterrâneo?**
[EU: Restore Humanity at Sea](#). Human Rights Watch, 25 fev. 2025. Acesso em: 07 mar. 2025.
SIMONELLI, Filippo. [The Mattei Plan One Year On](#). Istituto Affari Internazionali, 03 fev. 2025. Acesso em: 07 mar. 2025.
 - **Os movimentos da Marinha russa e a centralidade do Mar Vermelho**
GBADAMOSI, Nosmot. [After Assad's Fall, Russia Looks to Libya and Sudan](#). Foreign Policy, 19 fev. 2025. Acesso em: 24 fev. 2025.
SHARMA, Ritu. [After U.S. & China, Russia To Get Its First Naval Base In The Red Sea: Long-Pending Deal Gets Sudan's Nod](#) EurAsian Times, 15 fev. 2025. Acesso em: 24 fev. 2025.
 - **Relações russo-paquistanesas e o triângulo de Primakov em ação**
[Pakistan, Russia eye energy projects](#) The Express Tribune, 19 fev. 2025. Acesso em: 07 mar. 2025.
[Pakistan desirous of further strengthen ties with Russia: PM](#) | Pakistan Today Pakistan Today, 28 fev. 2025. Acesso em: 07 mar. 2025.
 - **O futuro da Indústria de Defesa do Japão**
SOH, Sarah. [Japan's Defense Industry Plays Catch-up](#). The Diplomat, 07 mar 2025. Acesso em: 08 mar. 2025.
HONG, Cai. [Japan's defense expansion triggers concerns](#). China Daily, 10 dez. 2024. Acesso em: 02 mar. 2025.
 - **Trump 2.0 e suas implicações para a Índia e o Indo-Pacífico**
TATSUMI, Yuki. [Trump Wins—Can the Indo-Pacific Region Withstand?](#). The WHITE HOUSE, 13 fev. 2025. Acesso em: 07 fev. 2025.
GUPTA, Shishir. [‘MAGA, India First’: Why Donald Trump's return will solidify India-US trade, security ties](#). Hindustan Times, 08 nov. 2024. Acesso em: 08 mar. 2025.
 - **O Exercício “Komodo” e a Diplomacia de Defesa da Indonésia**
ANADOLU AGENCY. [Multilateral naval exercise Komodo kicks off in Indonesia](#). Anadolu Agency, [s.d.]. Acesso em: 08 mar. 2025.
EURASIAN TIMES. [In rarest of rare events, US, China, Russia join hands for Komodo](#). Eurasian Times, [s.d.]. Acesso em: 08 mar. 2025.
 - **O desejo de Trump sobre a Groenlândia e a influência chinesa no Ártico**
Auerswald, David P. Arctic Narratives and Geopolitical Competition. In Weber, Joachim (org) Handbook on Geopolitics and Security in the Arctic. The High North: Between Cooperation and Confrontation. Institute for Security Policy. Kiel, Schleswig-Holstein, Germany. Frontiers in International Relations. 2020. Pp. 251-271.
Woon, Chih Yuan. Framing the “Polar Silk Road” (冰絲綢): Critical geopolitics, Chinese scholars and the (Re)Positionings of China’s Arctic interests. Political Geography 78 (2020) 102141. 2019.
- O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.
- Os valores em moeda expressos neste Boletim estão padronizados em Dólar Estadunidense, utilizando a conversão do Banco Central do Brasil.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Kaike Mota

► ALTO RISCO:

- HAITI - Conflitos internos: [New leader takes over Haiti's transitional presidential council as violence persists](#). **ABC News**, 07 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.
- IÊMEN - Crise estrutural e regional: [Yemen's Houthis say they will take military measures as soon as Gaza aid four-day deadline ends](#). **Reuters**, 10 mar. 2025. Acesso em: 11 mar. 2025.
- IRÃ - Instabilidade regional: [UN Security Council to meet over Iran's growing stockpile of near-bomb-grade uranium](#). **Reuters**, 10 mar. 2025. Acesso em: 11 mar. 2025.
- ISRAEL - Conflito regional: [Israel cuts off electricity supply to Gaza, minister says](#). **BBC**, 09 mar. 2025. Acesso em: 11 mar. 2025
- LÍBANO - Crise estrutural: [Lebanese soldier killed, 2 civilians injured by Israeli attacks in southern Lebanon](#). **Anadolu Ajansi**, 10 mar. 2025. Acesso em: 11 mar. 2025.
- MAR VERMELHO - Ataque a embarcações: [Yemen's Houthis warn Israel of naval attacks over Gaza blockade](#). **Al Jazeera**, 08 mar. 2025. Acesso em: 11 mar. 2025.
- MIANMAR - Conflito interno: [Chefe da junta militar de Mianmar anuncia eleições para dezembro ou janeiro](#). **The Jakarta Post**, 08 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.
- REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [Clashes continue in eastern DRC days after attack on civilians left many dead](#). **VOA NEWS**, 09 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Ukraine-US talks on ending war with Russia start in Saudi Arabia as Kyiv launches huge drone attack](#). **AP NEWS**, 11 mar. 2025. Acesso em: 11 mar. 2025.
- SÍRIA - Crise regional: [Syria says operation against Assad loyalists over after deadly violence](#). **BBC**, 10 mar. 2025. Acesso em: 11 mar. 2025.
- SOMÁLIA - Crise estrutural: [Drought and dire hunger loom in Somalia, warns UN food agency WFP](#). **UN News**, 04 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.
- SUDÃO - Conflito interno: [Sudan crisis: How a parallel RSF government could destroy the nation](#). **Middle East Eye**, 09 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.
- VENEZUELA - Crise sociopolítica: [Trueques opacos y buques fantasmas: las opciones de Maduro ante el corte de Trump a las exportaciones petroleras](#). **El País**, 09 mar. 2025. Acesso em: 09 mar. 2025.

► MÉDIO RISCO:

- BURKINA FASO - Crise sociopolítica: [Sahel still epicentre of world terrorism](#): report. **The News International**, 06 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.
- GUINÉ - Crise sociopolítica: [UFDG : Abdoulaye Bah remplace Cellou Baldé au poste de coordinateur des fédérations de l'intérieur](#). **Mosaiqueguinee**, 10 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

• IRAQUE - Crise regional: [Iraq fears power cuts as US ends sanctions waiver for electricity purchases from Iran](#). **AP NEWS**, 09 mar. 2025. Acesso em: 11 mar.

• MALI - Crise sociopolítica: [Counterterrorism Shortcomings in Mali, Burkina Faso, and Niger](#). **Foreign Policy Research Institute**, 03 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

• MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [EUA, UE e Japão aumentam destacamentos navais no Mar da China Meridional](#). **Nikkei Asia**, 07 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

• NÍGER - Crise sociopolítica: [Burkina Faso, Mali, Niger Among Worst-Hit by Terrorism in 2024](#). **News Central**, 06 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

• PENÍNSULA COREANA - Crise regional: [Coreia do Norte dispara vários mísseis após criticar exercícios dos EUA e da Coreia do Sul](#). **The Japan Times**, 10 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

• SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: [Echoes of the jungle: migrants' journey through the Central American rainforest](#). **European Commission**, 10 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

► EM MONITORAMENTO:

• AFGANISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Talibã insiste que os direitos das mulheres afegãs são protegidos, enquanto a ONU diz que suas proibições não podem ser ignoradas](#). **AP News**, 08 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

• ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Instabilidade regional: [Turkey's Erdogan says he and Azerbaijan's Aliyev discussed peace talks with Armenia](#). **NEWS.am**, 11 mar. 2025. Acesso em: 11 mar. 2025.

• BANGLADESH - Instabilidade sociopolítica: [Polícia em Bangladesh usa cassetetes e gás lacrimogêneo para dispersar manifestação de grupo islâmico proibido](#). **AP News**, 07 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

• BELARUS - Instabilidade regional: [Plenary opening: "Parliament steadfast in support of the people of Belarus"](#) **Parlamento Europeu**, 11 mar. 2025. Acesso em: 11 mar. 2025.

• BOLÍVIA - Instabilidade sociopolítica: [Convertido en fugitivo, Evo Morales se oculta en la selva boliviana](#). **Bloomberg**, 06 mar. 2024. Acesso em: 10 mar. 2024

• COLÔMBIA - Instabilidade sociopolítica: [Colombian guerrillas warn of 'total war' as peace plan falters](#). **France 24**, 10 mar. 2024. Acesso em: 10 mar. 2024.

• EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [Bukele Plans to Continue Buying Bitcoin in Defiance of IMF](#). **Bloomberg**, 05 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

• EQUADOR - Instabilidade sociopolítica: [Asesinadas 22 personas en una zona urbana de Guayaquil en una escalada sin freno de la violencia en Ecuador](#). **El País**, 07 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2024.

• ETIÓPIA - Instabilidade interna: [A power struggle in Tigray risks Ethiopia's peace deal](#). **The New Humanitarian**. 04 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

• GUIANA E VENEZUELA - Disputa regional: [Latin America Can't Let Its Guard Down on Venezuela-Guyana Tensions](#). **World Politics Review**, 09 dez. 2024. Acesso em: 09 dez. 2024.

• NICARÁGUA - Instabilidade sociopolítica: [Ortega y Murillo ya tienen su legión de 76.800 paramilitares en Nicaragua](#). **El País**, 07 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

• NIGÉRIA - Instabilidade interna: [Millions in Central Sahel and Nigeria face food cuts amid WFP funding crisis](#). **UN News**, 07 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

• PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Atentado mata pelo menos 12 no noroeste do Paquistão, diz polícia](#). **Al Jazeera**, 04 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

• SENEGAL - Instabilidade sociopolítica: [France begins withdrawal process from Senegal by handing over two military bases](#). **Euronews**, 08 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.

• TAIWAN - Disputas regionais: [China diz que apertará o "laço" em torno de Taiwan se o separatismo aumentar](#). **VOA News**, 09 mar. 2025. Acesso em: 10 mar. 2025.